

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1.º DE NOVEMBRO DE 1846.

N. 45

UMA ACTRIZ EM VIAGEM.

A senhora B... do theatro francez, fazia huma viagem tragica pelas provincias. Atravessando huma cidade de Borgonha para ir ao lugar do seu destino, parou para jantar, contando partir d'ahi a huma hora! Apenas tinha entrado na estalagem, hum sargento da policia se apresenta e pedo à viajante lhe exhiba seu passaporte (estiylo official)

A senhora B... que era o estouvamento em pessoa, e que alem d'isso em qualidade de rainha tragica que era, desdenhava desoer aos simples pormenores, que só dizein respeito ao commum dos mortaes, surriu-se com altivez, e tomando o tom do conservatorio respondeu com hum gesto oheio de dignidade ao sargento embasbacado :

— Sabei, gendarme, que taes formalidades não se fizeram para minhas iguaes !

Voltando do espanto que lhe causarão estas palávras, e o ar nobre e verdadeiramente real de quem as pronunoiava, o gendarme replicou com o mais profundo respeito :

— E' possivel, senhora, que não preciseis de passaporte para viajar, mas as ordens que me deu o sr. *maire* dizem respeito a todos os viajantes. Tende a bondade de me dizer vosso nome, e eu transmitirei ao sr. *maire* que ha-de saber se com effeito podeis viajar sem passaporte.

Então parodiando quanto lhe era possível o dito de Mario sobre as ruinas de Carthago, a senhora B... disse estas palávras :

— Pois bem, gendarme, ide dizer ao vosso *maire* que vistes Zaira sentada em huma cadeira da estalagem *Cloche d'Argent* !

O *maire* por acaso se tinha por litterato, e ao nome de Zaira poz a orelha em pé, e hum quarto de hora depois por convite formal, a senhora B... se apresentava diante delle. O magistrado se sentava para jantar quando chegou a actriz.

— Sois vós, senhora, medindo-a com hum olhar meio municipal e meio conhecedor, que viajaes com o nome de Zaira ?

— Se o quizerdes permittir, respondeu gravemente a actriz

— Muito bem ! e pensaes que o nome de Zaira basta para viajar sem passaporte ?

— Se não bastar esse, chamar-me-hei Berenice, Junia, Iphigenia, etc

— Que quereis dizer, senhora ?... tornou o *maire* muito embaraçado

— Quero dizer, que dando-me a conhecer pelo que sou, espero que desculpareis a inadvertencia de não tirar passaporte, e que permittireis continúe minha viagem até Chalons, onde sou esperada. Sou B... da companhia do theatro francez

O *maire* sobresaltado, tirou seus olhos da algibeira, limpou os vidros com todo o esmero, pol-os no nariz, e depois d'hum minucioso exame, disse omne

o sorriso da autoridade a quem não é possível enganar:

— Mau he para vós, senhora, que ha hum anno estivesse eu por quinze dias em Pariz, onde meu gosto pronunoiado pela litteratura me levava todas as noites ao theatro francez. Tive o prazer de ver a actriz B.... na scena de que he o ornamento. Baste, isto, senhora, para que conhecaes que vosso subterfugio não prevalecerá, e que conheço perfeitamente que não sois B....

— Por essa não esperava eu! disse a actriz. Pois eu não sou B....?

— Não, senhora, não e cem vezes não! B.... tem dez annos menos que vós, é muito mais bonita, e infinitamente mais fresca.

A senhora B... corou de despeito, e zangou-se tanto contra o maire, que este respeitavel magistrado mandou entrar os soldados para levarem á prisão a actriz desoonhecida.

A' vista do sargento, a senhora B.... se tranquillizou e disse ao maire:

— Felizmente tenho hum meio muito facil de vos convencer. Conoedei-me hum pouco de tempo.

A tragica disse huma palavra ao ouvido do oriado que a aocompanhára, passou-se para huma sala immediata, e o magistrado continuou seu jantar.

Alguns minutos depois, o maire estava na sobrezeza, e acabava de despejar a segunda garrafa, já era noite, correrão-se as vidraças e trouxeram luzes. Então appareceu Iphigenia.

Já não era a viajante de vestido de merino e chapéo de setim; era a princeza de Aulide com seu diadema d'ouro, seu vestido de linho e oothurno tragico.

Entrou declamando os bellos versos de Racine, e o maire não pôde deixar de esclamar: — O' Melpomene, conheço agora tua filha querida!

O hom maire chorava, esoutava, aplaudia, estremezia, bebia e dizia:

— Sim, sois B...., sois Iphigenia,

e Junia e Zaíra! Sim, podeis viajar sem papeis! O passaporte não foi feito para vós, que d'elle não oareoeis! Que-reis que vos mande aocompanhar pelos soldados da policia e pela guarda nacional, grande tragica?

A senhora B.... que estava de humor declamava sempre. De repente o maire se levantou, tomou huma postura dramatica, e como sabia de cor os tragicos, pôz-se a responder a Iphigenia.

Chegou a vez da entrada em scena de Eriphilo. O maire cada vez mais dominado pelo demonio dramatioo, puxá a toalha da mesa em que acabava de jantar, faz d'ella hum manto e põe sobre os hombros, e recita oom incrível enthusiasmo o papel de Eriphilo.

— Bravo! meu cháro maire, bravo! Sois sublime em Eriphilo!

— Sois vós, divina B... esclamou o maire muito alegre, sois vós que me electrizaes. Sinto que me oommunicaes vosso genio, e de mijn fazeis hum artista! Sim, já não sou hum simples maire, sou hum artista, e se o quizerdes, bella B..., eu me ligo a vosso carro e representarei com vosco. Ides a Châlons, para la voo tambem, e juntos representaremos as tragedias de Racine e Voltaire!

A senhora B... achou divertida a propositão, animou o maire, prodigalisou-lhe os mais exaggerados elogios, e por tal arte desorganizou-lhe a cabeça já muito esquentada com as libações de vinho de Borgonha, que elle se mettu na carruagem oom ella e partio para Châlons deixando seus administrados a sua desgraçada sorte.

No ontro dia, depois de haver dormido sufficientemente na carruagem de posta, o maire acordou às portas de Châlons, ainda embrulhado na toalha de Eriphilo.

— Vou levar-vos à casa do director, lhe disse a senhora B.... e à manhã appareceremos em scena.

Mas o enthusiasmo tragico do magistado se havia evaporado, e pediu á senhora B. o maior segredo sobre a aventura que o conduzira a Châlons.

A senhora B... guardou o segredo e o maire não foi apresentado ao director: foi pens, pois não deixaria de ser divertido ler no cartaz:

EPHIGENIA EM AULIDE.

Tragedia em cinco actos de Racine.
A senhora B... representará Iphigenia.
O senhor D. maire de J... fará o papel de Eriphilo

NOVECENTOS DOLLARS POR HUMA

MULHER.

Eis aqui huma historia que entre outras muitas do mesmo genero contou ultimamente o missionario, M. Thompson, a M. Bradford em huma reunião em que se tratava da escravidão.

Hum medico moço de grande merito e instrução fez huma viagem de sua cidade natal, situada ao norte dos Estados-Unidos, a huma cidade do Estado de Mississipi. Este manoebo se chamava Wallis. Alugou hum quarto em huma estalagem, cuja oreada, lindissima moça de vinte annos pouco mais ou menos, lhe inspirou vivo aind. Bem que a côr da moça não fosse puramente alva, o medico, livre dos preconceitos muito ordinarios contra a raça de côr, offereceu lhe sua mão que foi aceita.

Fez-se o casamento quasi seoretamente, e o afortunado par veio estabelecer-se no districto de Columbia, não longe de Washington.

Não havia ainda muito tempo que ellesahi vivião socegados e retirados, quando huma manhã hum individuo, que tinha todas as maneiras do que se chama ham gentleman, se apresentou em casa de M. Wallis sob sutil pretexto. Entrão em conversação, e o conhecido dirige ao doutor

esta pergunta, sufficientemente indiscreta:

— Senhor, não trouxestes com vosco huma mulher do Sul?

— Não senhor, e eu não comprehendo...

— Como? interrompeu o primeiro interrogentor, e vossa esposa não veio com vosco do Mississipi?

— E' verdade, e julgo que ella nasceu n'esse paiz.

— Pois bem, vossa esposa, como a chamões, he minha escrava, e se me não derdes 900 dollars por sua alforria, vou denuncial a como fugida. Bem sei que ella vale 1.000 dollars quando menos, mas como a desposastes, abatto alguma cousa d'esta quantia.

— Vossa escrava! esclamou o pobre doutor muito admirado; he impossivel

— Pouco me importa que me acrediteis ou não, continuou o outro. Aqui deixo a conta, e se em 24 horas não me mandardes pagar na estalagem tal, em que moro, prometto-vos, meu charo senhor, que o nome de mistriss Wallis será posto nos jornaes como o d'uma escrava fugida.

Logo que este homem sabio, o doutor foi ter com sua mulher que por suas qualidades, virtudes e graças lhe devia muito amor.

— Meu anjo, lhe disse elle, quando nos cazámos, tu eras escrava?

— Era, confessou ella derramando muitas lagrimas.

— E porque m'o não disseste antes da cerimonia?

— Não tive animo. E podia eu pensar que vos ligasseis a huma escrava?

— Está bom. Agora está descoberta a verdade, e vou mandar os 900 dollars que exigem por ti, pois quero-te muito e não posso separar-me de ti.

Durante este curto dialogo, mistriss Wallis sentia a mais viva agitação. Pedio a seu marido que lhe dissesse as feições do reclamante, o que foi feito com a maior exactidão possivel. Depois perguntou-lhe se os signaes erão effec-

tivamente os olhos para o chão.

— São os olhos que amovido os olhos
Elle he mais que nos olhos, he meu pai

Aleazarão os nervos a sobrevivencia
dos vapores, que tutta influencia exercião
sobre a vida de n...

Não ha casquilha, nem o mesmo peral-
villia que se não queixa dos nervos. He
hum enfermidade que nos veio com a lite-
ratura moderna e com as letras do se-
culo decimo sexto

Ha trinta annos ninguem fallava dos
seus nervos

Conheço hum senhora que está firme-
mente persuadida que os nervos não exis-
tão, e que são hum nova importação
como os pós do doutor Addison

Esta mesma senhora conhecia tanto os
nervos como eu conheço o scha da Persia.
Hum dia estive em hum pequena reunião
de moças elegantes, onde todo o mundo era
nervoso

E ella principiou a ser nervosa

O que ha de particuliar nos nervos he
que elles são hum carta de seguro para
todos os excessos a que qualquer se entre-
gue, para todas as impoliticas que qual-
quer commetta.

Se hum individuo boceja em hum socie-
dade de pessoas distinctas, basta dizer que
he nervoso e todos acharão a cousa perfei-
tamente natural.

Se huma mulhier he de mão genio, pirra-
ceira, assomada, endiabrada enfim, in-
sinuando-se por nervosa tapará todas as
bocas

Assassine alguém seu pai, envenene sua
mãe, enforque sua filha, afogue seu tio,
se no jury provar que he nervoso, pôde
contar com as circumstancias attenuantes.

Os suicidios, os dramas, os roubos, os
alugamentos, os livros narcoticos e as po-
esias freaticas, tudo isto he nervoso.

Em verdade os nervos vão tomando dia-
riamente mais extensão na ordem social.
E' huma enfermidade que pega, e he ainda
mais perigosa porque qualquer paschasio
tem pretensão de ter nervos

Quando hum paiz chega a este ponto,
o governo se acha na cruel alternativa de
abolir os nervos, ou refoimar sua legis-
lação.

XXXXXXXXXX

BUM MILITAR DE PRESTIMO

Sitiava hum general hum praça de
guerra; e como os sitiados resistissem
com grande obstinação, quiz recorrer à
astucia para assegurar o assalto. Cha-
mou hum soldado que passava por mui
valente, e ao mesmo tempo rombo de
juizo, e disse lhe: — « Men amigo, que-
ro fazer-te feliz — Obrigado, meu ge-
neral. — Porem has de atrever-te... —
A tudo que quizer, meu general —
Pois bem, repara no que tenho traçado.
Deves disfarçar-te em carvoeiro, e en-
trar na praça, lastimando-te de te ha-
verem as nossas tropas tirado duas ca-
valgadas que levavas carregadas de
carvão

— Muito bem. — Contando a tua a-
ventura, procurarás occasião de arinar
pendencia com algum soldado da praça,
e, tirando do teu punhal, o matarás —
Veremos — Prendem-te logo, sentenci-
ão-te á força, mettem-te no oratorio,
e no fim de tres dias te conduzem ao
patibulo. Ora aqui he que está tudo:
como a cidade goza de hum privilegio
de ninguem ser enforcado dentro dos
seus muros, a execução, segundo o
costume, deverá ser na quella planicie
da direita. Eu terei alli disposta huma
emboçada, e, quando salir o acompa-
nhamento, lanço-me sobre elle de sor-
preza, ao mesmo tempo que do outro
lado avançarão as nossa columnas para
tomar posse da praça. Deste modo te-

remos hum dia de grande gloria — Na verdade, está o plano bem traçado, e eu estou prompto para entrar nelle; mas com huma pequena modificação. Qual? — Que será V. Ex. quem se disfarce em carvoeiro, e eu commandarei a emboscada..



POESIA

*Vem cá minha companheira
Vem, triste e mimosa flôr,
Si tens de saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dôr.*

1.ª

JÁ no albôr da juventude
Tendo muroho o coração,
Da morte a gelada mão
Me aponta p'ra o ataúde,
Callou-se meu alaúde,
Fugio-me a illusão fagueira,
E na quadra lisongeira
Em que nos cerca a alegria,
Só digo à melancholia
Vem cá minha companheira.

2.ª

Si na lyra suspirosa
Ternas canções modulei,
Si aerias formas cantei
De huma virgem vaporosa,
Agora tomou a rosa
Do palido lyrio a côr:
Emblema da minha dôr
Tu, que és meu, roxo martirio
Vem compartilhar meu delirio,
Vem triste, e mimosa flôr

3.ª

O' lembrança que flagellas,
Que nos das da morte o fel,
Que p'aurencia em dôr cruel

Delicias de amôr revellas,
Que o riso nos labios gelas
E fazes que o pranto assôme
Tu cujo sopro me sóme
Das faces a rozea côr,
Digo-o só quem sente amor.
Si tens de saudade o nome.

4.ª

Em vez dos sonhos dourados
Que a existencia m'embalarão,
Agras dores enluctarão
Os meus dias negregados
Gostos de amor já murchados
Deixarão-me inda amargor
Inda hum pranto abrazador
Me orvalha o rosto desfeito,
Inda dentro do meu peito
Da saudade eu tenho a dôr

(Jóão Cardozo, de Menezes Sousa Junior.)

ORIGEM DAS MESURAS.

Esta cortezia das senhoras precedeu do costume que havia na corte dos nossos reis onde, e diante dos quaes, quando havia seião, ou sarão dansavão os reis, rainhas e damas com os fidalgos; e para isso erão as damas e donzellas do paço ensinadas por mestres a dansar; e porque a certos passos medidos fazião pausa, abaixando-se direitas e com o rosto direito com acatamento às pessoas reaes, quando chegavão a ellas, chamavão a essas pausas medidas, mensuras, e depois mesuras ou misuras, porque com passos certos e medidos da dança se fazião: pouco a pouco se forão essas pausas ou mensuras azerosas, que se fazião aos reis por cortezia, estendendo a outras pessoas em mostra de reverencia e civilidade, a qual se faz a pessoa superior abaixando hum pouco a cabeça, e á igual com o corpo e rosto direito

o CARDEAL, O MINISTRO D' ESTADO E
O MEDICO D' ELREI.

Antes da Revolução franceza, e na occasião em que todos os lugares só erão accessiveis ás pessoas de illustre nasoi-mento, occorreo a seguinte anecdota :

Havia perto de Paris huma estalagem, aonde se detinhão ordinariamente, para tomar algum alimento, todos os viajantes que vinhão do meio dia da França.

N'huma bella manhã de Abril, apresentou-se hum mancebo, de estatura alta, aspecto varonil, e de 16 a 18 annos de idade, à porta da dita estalagem com o fim de alli almoçar.

A presença deste mancebo, seus olhos pretos cheios de fogo, o sorriso da adolescencia pintado em seus labios, aquella franqueza e naturalidade que vão diminuindo à medida que aquella idade se vai aproximando da idade viril; tudo nelle annunciava vigor e robustez. Era ainda muito de madrugada quando chegou; e apenas entrou, disse à estalajadeira: « dê-me de almoçar, minha linda patrão, porque assim que fôr dia claro, tenho que pôr-me a caminho. »

Acabando de proferir estas palavras, entra outro mancebo de apparencia mais delicada e femiñil que o primeiro, baixinho, desmaiado, voz e mãos de mulher, e que parecia algum tanto cansado. " *Senhora*, disse elle modestamente à estalajadeira, *faz-me o obsequio de me dar de almoçar?* " A isto levanta-se o primeiro, e dirigindo-se a elle com ar affavel, diz: " meu caro amigo, se fôr do vosso agrado, podemos almoçar juntos; sois hum viajante como eu, e ides como eu, a Paris; assim ponhamo-nos ambos à mesma mesa, comeremos e beberemos à vossa saúde e à minha; pagaremos por cabeça; iremos juntos até Paris, e alli nos separaremos. Aceitais a proposta? O outro, sempre com voz fraca, responde modestamente: *» Aceito*

com muito gosto; fazeis-me demasiada honra »

A dona da estalagem, oostumada a lidar com viajantes, servio-lhes do melhor que tinha; poz-lhes a mesa no lugar mais deoante e defronte de huma janella que dava para a rua, e apresentou-lhes huma excellente fritada de presunto, alguns coepipes, bom pão, e vinho precioso: n'huma palavra, tratou-os como uns Príncipes.

Apenas se havião sentado á mesa, e principiavão a servir-se, appareceo hum terceiro viajante, o qual, approximando-se à janella, poz-se a contempla-los. Era tambem hum mancebo, trigueiro e grosso, com ar inui serio, e em quem se não desoobria, nem o desembaraço do primeiro, nem tão pouco o aoanhamento do segundo — Meus senhoras, disse o recém-chegado, muito estimo haver vindo em tão boa occasião; porque se me tivesse demorado alguma cousa mais, teria que contentar-me com os sobejos desta excellente fritada, cujo confortativo aroma se sente d' aqui a huma legua.

Ainda bem não tinha soabado de fallar, quando o mancebo nias alto estende a mão, e depois apresenta o copo pela janella ao seu novo companheiro; e bebendo à saúde hum do outro, entra este ultimo, e senta-se do outro lado da mesa.

Imagine-se se durante o almoço reinaría alegria, entre tres mancebos, cujo appetite era excitado tanto pela conversação como pelo caminho que tinhão andado e a fresquidão da manhã.

Depois de terem almoçado, tomarão a estrada de Paris. — Os dois mais robustos querião encurtar o passo por deferencia e consideração para com o outro mais debil; porém este lhes fez conhecer que, apesar da sua deliada compleição podia acompanhá-los, e immediatamente apressou o passo — Durante o caminho foi a conversação muito animada e agradável,

como era de esperar que acontecesse entre tres mancebos muito joviaes, e que caminhavão n' hum dia de primavera

Chegando às portas de París, paráram de commum accordo, e ficáram todos tres tristes e pensativos; pois era chegado o momento de se separarem. O primeiro viajante tomou a palavra, e disse aos seus companheiros: eu chamo-me *Portal*; nada tenho de meu, e venho a Paris para ser membro da Academia das Sciencias, e primeiro Medico d' ElRei

Eu, acrescentou o trigueiro, venho para ser Procurador Regio e Ministro de Estado

E eu, disse o mais pequeno, tenho tanto como qualquer de vós, e venho á Capital para ser membro da Academia franceza e Cardeal

Neste oaso, disserão os outros dois, tirando os chapéos, sois vós, Eminentissimo Senhor, quem primeiro deve entrar: no mesmo momento e por huma casualidade inexplicavel, principarão a repioar os sinos de huma igreja pouco distante, e todos tres entrarão em Paris.

Estes tres mancebos tinham fallado verdade; pois chegarão com effeito aos altos destinos a que pertendião chegar — Hum foi o Abbadé Maury grande orador, profundo filosofo, e acerrimo defensor de Luiz XVI, por quem arrostou os maiores perigos — Morreo sendo membro da Academia franceza e Cardeal, cheio de honras e distincções

O outro é o Conde Treillan, Ministro d'Estado Honorario, homem de ta lento, querido e apreoiado do Imperador, e que soube grangear, neste alto destino, a estima de seus concidadãos

Ainda vivia, ha pouco tempo, e se reoordava frequentes vezes da sua famosa entrada em Paris.

Finalmente o alto e jovial mancebo que se chamava *Portal*, foi huma das

glorias da Medicina: fez grandes progressos nesta Sciencia; e foi Medico dos grandes e pequenos, dos ricos e dos pobres: não houve honras na faculdade que lhe não fossem conferidas: membro da Academia, professor, era tudo, menos primeiro Medico d' ElRei: para conseguir o que, teve que esperar bastante tempo.

Quando Luiz XVI morreo no cado falso, ainda *Portal* era Estudante de Medicina. A Republica não tinha Medico titular, e o Imperador só teve hum unico que era seu amigo; porém *Portal* não tinha dito que havia de ser Medico de hum Imperador, mas sim de hum Rei

A final foi primeiro Medico de Luiz XVIII, e morreo ultimamente subre carregado de annos e de honras, rodeado de seus amigos.

Na Oração funebre da Academia das Sciencias que se usava de o contar no numero de seus membros, citou-se esta anecdotas que foi ouvida por todos com o maior interesse.



O curioso atraídoando-se a si mesmo

Estando hum sajeito em huma loja de bebidas a escrever huma carta percebeo que havia outro por de tras delle que estava lendo quanto elle escrevia. O primeiro fingio que o não sabia, e concluiu a carta dizendo á pessoa a quem era dirigida: "Eu não posso contar-te nada mais, porque tenho por traz de mim hum marmanno que se está divertindo em ver o que te escrevo." Iedaço de patife, exclamou então o outro, para que mente Vmc., se eu nem para lá olhava!

O CAVALLO DO IMPERADOR
CALIGULA.

Caio Cesar Caligula succedeu no imperio romano a Claudio Tiberio, que o havia adoptado. Comquanto fosse oruel o reinado deste ultimo, elle na verdade pareceria suave comparando-o com o do seu successor, que deshonrou a purpura com todas as crueldades, desenvolturas e extravagancias abominaveis, que he possivel imaginar. Mas nada poderá dar idéa tão oabal do caracter deste monstro de especie humana, como o seu prooedimento para com o seu cavallo favorito *Incitatus*.

Mandou-lhe o imperador fazer huma estribaria, ou antes palacio de marmore para sua habitação, com huma mangedoura portatil de marfim, de trabalho delicadissimo; os jaezes erão de purpura e ouro, e o peitoral de perolas e pedraria. Fazia-lhe ministrar a agua e o vinho em vasos de ouro. Na vespera dos jogos do circo, numerosas sentinellas erão encarregadas de manter hum silencio completo em toda a vizinhança, para que pudesse o cavallo favorito dormir tranquillamente. Pós-lhe huma casa completa de officiaes e escravos para o seu serviço e estado. Queria que os maiores dignatarios do palacio fossem jantar com *Incitatus*, e elle mesmo o convidou muitas vezes para a sua mesa. Jurava pela vida e fortuna do seu cavallo, como se fôra pela salvação do Imperio. Tendo-se elle mesmo a si elevado á classe de Deos, mandou levantar templos, e creou hum collegio de sacerdotes para o seu culto, declarando-se grão pontifice da sua propria divindade, e associando *Incitatus* a este supremo sacerdocio. Ppr fim tentou fazer nomear o seu cavallo consul (supremo magistrado da republica e chefe do senado: erão dous que se elegião cada anno), e seguramente teria levado avante seu projecto, se os Ro-

manos, cansados de tantas crueldades e abominações, o não houvessem assassinado aos 29 annos de sua idade, tendo reinado quatro

O imperador Lucio Vero tambem amava tanto o seu cavallo *Voloris*, que o fazia sustentar a passas de uvas, amendoas e pinhões, em vez de cevada: e trazia o seu retrato ao peito em huma medalha de ouro.

O imperador Adriano mandou levantar ao seu cavallo favorito *Boristhenes* hum soberbo mausoleu com huma inscripção em que se referião suas bellas qualidades.

REMEDIO PARA A MORDEDURA DE
COBRA.

Logo que a pessoa he mordida, corta-se huma sebola pelo meio, e põe-se metade em oima da mordedura, e atase com hum panno; logo que está negra, tira-se, e põe se a outra metade: só com isto fica sã. Tem-se tirado muito proveito deste remedio; hum morador do municipio de Vassouras tem curado assim tres ou quatro escravos seus, e outros já vão usando do mesmo remedio.



AVISO AOS QUE PEDEM CARTAS DE

RECOMMENDAÇÃO.

Vendo Cicero que certo sujeito vinha queixar-se-lhe, de que Cezar não lhe havia feito bem algum, não obstante ter-lhe sido recominendada pelo mesmo Cicero, este lhe respondeu, rindo-se as gargalhadas; — Meu amigo, o que eu te dei forão cartas de recommendação, e tu imaginaste certamente que era alguma letra de cambio que devia ser paga a praso certo.

RASGO DE AMIZADE

Dois philosophos da seita de Pithagoras. Damon e Pithias, tinham-se de tal modo unido pelos sagrados laços da amizade, que jurarão morrer hum em defesa do outro. Havendo Dionisio, tyranno de Siraousa, condemnado Damon á morte, requereu aquelle desgraçado ao principe que lhe permittisse o passar alguns dias com a sua familia, afim de fazer as suas ultimas disposições, o que lhe foi concedido, com a condição, porém, de que Pithias havia de ficar em seu lugar até elle voltar. Recolhendo-se o generoso amigo voluntariamente á prisão, todos, e o tyranno mais que todos, estavam ansiosos por verem o resultado daquelle negocio; mas obega o dia em que devia ter lugar a execução, e Damon não apparece.

Já o innocente Pithias era conduzido á morte entre os gemidos e lamentações do povo, e as admoestações que se lhe faziaõ pela sua imprudencia e cega ternura, quando de repente penetra Damon no meio da multidão, e se apresenta ao algoz para livrar o seu amigo da morte. Todos os expectadores, transportados da mais viva admiração, implorão em altas vozes o perdão para Damon; e o proprio Dionisio, tocado de huma scena tão enternecedora, não só concedeu a Damon o perdão que se lhe pedira, e de que elle era digno, mas até quiz ser o terveiro a participar de huma tão bella uniaõ. Santa amizade! em aqui o teu triumpho: o oração mais duro, a alma mais barbara e embrutecida, rende homenagens a tuas ineffaveis doçuras, e aspira a ser dellas participante!

[ROTHSCHILD.

Todos tem onvido fallar nos irmãos Rothschild, os mais ricos capitalistas da Europa. O fundador desta casa opulenta foi hum judeo allemão chamado Moisés

Rothschild. Eis por que modo elle ajuntou o cabedal gigantesimo que deixou a seus filhos

Quando os Francezes atravessãõ o Rheno, o sobetano de Hesse-Cassel levou as suas joias e dinheiro para Finnefort. A reputação de proibidade de que gozava Moisés Rothschild moveo o principe a depositar nas suas mãos algũs milhões de thalers. Quando os Francezes entrãõ em Francfort, teve ainda Rothschild tempo de enterrar o thesouro que lhe fõra entregue. O inimigo levou-lhe tudo o que era d'elle, mas o que pertencia ao principe salvou-se. Tanto que os Francezes sahiraõ de Francfort, Rothschild começou a negociar com o dinheiro alheio, até que seu dono voltou àquella cidade em 1802. Sem esperança alguma de achar o thesouro, o principe procurou o honrado judeo, que lhe disse salvara tudo.

— Como eu fiquei sem hum *krentzer*, proseguio Rothschild, e tinha aqui muito dinheiro de vossa alteza sem servir a ninguém, fui pouco a pouco pondo-o em giro, sahi-me bem da minha empresa. Agora he justo que eu vo-lo restituã, com cinco por cento de lucro.

— Não, replicou o principe, nem eu quero lucro algum de vós, nem por ora tirarei de vossas mãos este dinheiro.

Foi depois desta época que a casa de Rothschild chegou a subido grãõ de prosperidade.

O ECONOMICO.

Certo individuo, querendo atravessar hum rio n'huma barca, poz ás costas hum grande fardo que conduzia, e perguntando-se lhe porque o não punha de parte, respondeo: *É para não pagar senão por mim.* — Entrando depois em huma estalagem, serviraõ-lhe hum ovo para a cã, e partindo-o, viu que tinha dentro hum pinto gerado; mas, sem dizer cousa alguma, comeo-o às esquadras, para que o estalajadeiro lhe não lizesse pagar o ovo e o pinto.

CONGREGAÇÃO DOS ESPIRITOS.

No reino de Quoja, terra de negros em Africa, cada vinte ou vinte cinco annos se celebra, por ordem de el-rei humna notavel cerimonia no meio de hum bosque cercado de oliveiras, em que hums moços esoolhidos fazem hum noviciado de quatro ou cinco annos para aprenderem a se transformar em espiritos. Os que os levão lhes dão a entender que, para esta transformação, lhes será preciso morrer; e elles, depois de professos, contão a seus parentes e amigos muita patranha, entre outras, que no principio do seu noviciado seus mestres os assão vivos, e que tornão a nascer com outro espirito, com luzes, affectos, virtudes e costumes totalmente diversos dos mais homens do mundo. As simples das mãis pedem com muitas lagrimas aos mestres que nesta mudança não fação aos filhos em cinza, e não faltaõ de trazer até a entrada do bosque, o omer para sustenta dos filhos, e os professores são os que os vem receber. No tempo do noviciado os mestres lhes ensinaõ uma dança a que ohamaõ *killing*, que se faz com muitos saltos e meneios do corpo, e daõ-lhes muito bom trato, porque, se se entadassem deste genero de vida, grande perigo correria a fama desta resurreiçãõ espiritual, para a qual não contribuem pouco os grandes castigos que se daõ aos violadores do segredo deste embuste. Estes chamados espiritos, quando, depois de jubilados, começãõ a tratar com a gente, com as mulheres que lhe trazem de comer. conversãõ com affectada simplicidade, mostrando que não conhecem os parentes e naturaes da terra, e que ignoraõ os costumes d'ella. Algumas vezes o rei os vem ver, e fica dous ou tres dias com elles nos bosques, dando-lhes credito com a sua presença, e mostrando de se sujeitar as

suas leis, por que assim lhe importa para o governo dos seus estados. Quando quer castigar hum criminoso, depois de convenido e confesso, os apaniguados dos *Soggonoes* (que são os mais anoiados da congregaçãõ) vem de noite ao carcere, e com medonhas gritarias levaõ o pobre para o bosque, e não ha mais novas d'elle; e he fama constante que os espiritos o levãõ. Com outros muitos artificios, attribuidos ao ministerio e zelo dos ditos espirituaes, governa o rei o seu reino; que as occultas politicas dos principes sempre foraõ mysterios venerados da simplicidade dos povos. Na lingua da terra ohamaõ às ceremonias e operações desta familia espiritual *Bellipadro*.

 NOTAVEL FIDELIDADE DE HUM CRIADO.

Em hum dos ultimos invernos, viajando o conde e a condessa Podotski pela estrada de Vienna de Austria para Cracovia, forão assaltados, a poucas leguas de distancia desta ultima cidade, por hum bando immenso de lobos, que haviam descido das montanhas de Carpathia, acogados pela fome e frio rigoroso, que os tornavão mais atrevidos e furiosos que de ordinario.

O conde havia mandado hum criado adiante para lhe ter promptos os cavallos de posta, e apenas o acompanhava outro criado a quem muito estimava pela sua fidelidade. Este, vendo que os lobos seguião com pertinacia a carruagem, pedio a seu amo que lhe permittisse abandonar-lhes o cavallo em que vinha montado, pois que no entanto que os vorazes animaes oom elle se entrelinhão, facil seria chegarem à cidade de Zator, que se achava proxima. Consentio o conde, e o criado subio à tra

xeira da carruagem, largando o cavallo, que logo foi agarrado pelos lobos, e em breves momentos feito em pedaços. Os viajantes continuarão sua marcha com a maior pressa; mas apenas os lobos esfaimados acabarão de devorar a sua preza, que continuarão na perseguição dos viajantes, e brevemente alcançarão a carroagem a huma milha de Zator. Neste caso extremo o oriado gritou para seus ainos:

«Hum só meio resta de vos salvardes: irei combater com os lobos, se por hum solenne juramento vos obrigardes oomo pai a sustentar minha mulher e meus filhos, no caso de eu perecer no combate. Serei sem duvida sacrificado: mas enquanto os lobos se demorarem oomigo, tereis tempo de entrar na cidade.»

O conde hesitou em dar o seu consentimento; mas não havendo outro meio de salvar as vidas, consentio e solennemente jurou ao oriado que se por elles fosse sacrificado, fioaria a seu cargo o sustento de sua familia. O oriado immediatamente saltou ao chão, esperou os lobos, e por algum tempo combateu contra elles, mas não tardou a ser devorado. O conde chegou ás portas de Zator, e foi salvo.



MEDICINA MELODIOSA.

Vamos registrar um facto, que podendo conter grande proveito para muitos leitores, servirá ao mesmo tempo de entretecer um bem-me-quer novo no pae-nyrico da musica.

Raras pessoas desconhecerao, por experiencia propria, a dor de dentes, a sua intensidade em tantas vezes desesperadora, que obrigava a dizer certa dama: „Antes filhos do que dentes”, e sobretudo o capricho da sua natureza, que faz com que o mesmo remedio não produza duas

vezes a fio o mesmo beneficio; por isso tambem não ha inolestia cujo tratamento seja mais variado. A odontochia, ou arte de acudir aos dentes se compõe de volumes de receita-rio que poderião ser ainda augmentados se nelles se enoorporassem todos os hnitivos que a desesperação, a extravagancia, ou o acaso faz todos os dias descobrir.

Pessoa de credito, e muito credito, nos affirma ter muitas vezes experimentado em si e em outros a efficacia da musica para as dores de dentes.

— Da musica?

— De menos ainda do que ella, de hum simples instrumento musico applicado à parte atormentada. Lança-se mão de huma viola, guitarra, ou de qualquer instrumento semelhante; mette-se o braço delle na boca e dedilhão-se as cordas, por modo que a vibração da madeira se communique à parte afflita. Passados alguns segundos, a dor, verdadeiro diabo semelhante ao que vexava a alma de Saul, e que não podia resistir á harpa de David, desaparece.

Daqui por diante já poderá deixar de ser insulto para os boticarios aquelle dixote com que os gaiatos ha tempos immemoriaes os oausticão:

— Tem violas?

— Tenho.

— Pois toque-me hum lundum.

Era hum *calembourg* ou, por fallarmos português de Fr. Luiz de Sousa, e de Jorge Ferreira de Vasconellos, huma derivação, e não das mais saborosas. Agora já as violas e os lundums se poderão pedir em verdade nas boticas para remedio.



ETYMOLOGIA DO MEZ DE NOVEMBRO.

Este era o mez 9.º do calendario de Romulo, o 11.º do calendario de Numa, e ainda hoje occupa o mesmo lu-

gar na ordem numerica dos mezes
Quatro dias d'este mez, principiando no
7.º celebrávão os egypcios o luto,
da deosa Isis por seu irmão Osiris
mórto às mãos de Thyphon seu marido —
No dia 5.º festejavão os romanos Neptu-
no, e Jupiter. com o titulo de *Neptu-
nales*, e *lectisterium*: a ultima deno-
minação designava o costume que tinhaõ
de levar leitos aos templos em honra de
Jupiter. — A 15 principiavaõ os jógos
plebeus no circo, os quaes duravaõ tres
dias. — De 21 até 21, celebrávão o
principio do inverno, dando a esses dias
o nome de *brumales*; e no dia 27 fa-
ziaõ sacrificios expiatorios aos mânes
dos gallus, e grêgos que foraõ enter-
rados vivos em Rôma.



NUMA LEI DE ZALEUCO.

Locres era, como se sabe, situada
na parte da Italia que se chamava a
Grande Grecia. Ficava a pouca dis-
tância de Rheges, e teve por legi-
slor hum discipulo de Pythagoras, Za-
leuco, que nasceu 570 annos antes da
era christãa.

Eis o que se acha no preambulo das le-
is de Zaleuco, conservado por Stobéo:

« Todo o cidadão que pedir a revo-
gação de huma lei, ou propozer huma
« nova, fallará sobre a adopção desta
« ou revogação daquella com huma cor.
« da ao pescoço. Se o povo, por plu-
« ralidade de votos, adoptar a mudança
« ou a lei nova, que o cidadão que
« fez a proposta fique de baixo da salva-
« guarda publica; se a antiga lei for
« conservada, e a nova parecer injus-
« ta, que se aperte a corda e morra
« o orador estrangulado »

Semelhante lei não devia deixar mui-
to lugar ao desejo de innovar; e era
preciso que o cidadão que se decidisse a

propor algum melhoramento na consti-
tuição do estado, estivesse muito con-
vencido da utilidade da sua proposta; e
ao mesmo tempo muito afferrado à sua
opinião.



CHARADAS.

A' igreja tu vai, e lá procura,
Ou na casa onde mora o padre oura;
E logo que o vejas sem receio
Tu o cura me racha pelo meio. } I.

Logo que a teus olhos a luz fira
Da que no templo arde santa pyra,
Seja a pyra tambem por ti partida,
Sendo em duas metades dividida. } II.

Aquelle que ao meu todo está sujeito
E' de certo bem digno da terceira;
Pois, faltando a razão, impera o peito,
E quasi o resultado é sempre asneira. } III.

Longe a idéa de pensar que eu seja
Um doido furioso desesperado;
Mas ai do infeliz, pobre coitado,
Que preso em minhas mãos cahir se veja. } IV.

O meu principio e fim vês no escudo;
Vês meu centro no centro da espiga;
Ou um dardo te valha, ou uma figa,
Se prompto não advinhas o meu tudo. } V.

Naõ te dobres; que me fedes,
E me fazes nausear. } VI.

Naõ te dobres, que em tal caso
E's difficil d'encontrar. } VII.

Mesmo debaixo da terra
Hei de saber ir buscar-te
Hei de fazer-te em fatias,
Hei de cozer-te, hei de assar-te.



O logogripho do numero antecedente
he — mariola,

ADDITAMENTO A' PEQUENA MEMORIA SOBRE A BAUNILHA

PELO DR. ANTONIO JOSÉ' ALVES

Considerações sobre a maneira de obter as sementes da baunilha.

Pouco confiado na nossa resumida memoria sobre a baunilha, quasi esperavamos a indifferença costumada para as cousas de semelhante ordem; mas temos visto com surpresa e particular contentamento que algumas pessoas se tem interessado e querido tentar a cultura da baunilha; e como alguns cultivadores distinctos nos tenham feito a honra de procurar-nos para indicar-lhes o melhor meio de haver as sementes, ponto sobre que apenas de passagem tocamos, vamos tirar á luz as poucas mas talvez proveitosas idéas que possuímos, pedindo às pessoas que tiverem sobre este ponto mais exactas informações se dignem ajudar-nos com a sua experiencia e bom conselho.

Sendo por meio da estaca ou pedaços da haste que mais facilmente podemos plantar a baunilha, como dissemos, e não estando ao alcance de todos obter facilmente estas hastes ou sementes, visto que é necessario mandar procura-las nos matos e lugares remotos de outras provincias, convem que demos as regras indispensaveis para que essa semente, se podemos assim chama-la, não chegue deteriorada ou secca, afim de que a sua plantação possa ter lugar.

Se a distancia fosse pequena, nenhuma regra seria necessaria; pois que, como praticamos com a mandioca na epoca de sua plantação, procuraríamos em alguma fazenda vizinha humas ou mais cordas das hastes, e depois de as cortarmos em pedaços, plantaríamos como todos os lavradores o sabem; mas para a nossa plantação não é isso tão facil, como bem se comprehende, não so porque não ha por ora plantação da baunilha, sendo que a planta não é ainda bem conhecida, se não tambem por existir em lugares remotos; e varios outros inconvenientes que parece-nos escusado repetir.

Neste caso convem que empreguemos todos os meios para que: 1.^o se não traga huma planta differente da baunilha; 2.^o se procure aquella que possa ser plantada com proveito; 3.^o per que a semente possa ser conservada ate ao lugar em que ella deve ser plantada.

Quanto ao primeiro ponto, aconselhamos que seja huma pessoa intelligente a encarregada de escolher a semente, procurando só a daquella baunilha que não tiver muitas raizes enteriadas nas arvores sobre que ella se enrolar; porque essa especie, que é parasita, offerece suas difficuldades à plantação. Deve-se somente escolher as que nascerem da terra e treparem apenas pelos troncos

Convem entretanto notar que ha especies que, alem de estarem plantadas no chaõ, enterraõ tambem algumas raizes nas arvores; estas especies, que saõ meio parasitas, podem segundo a opiniaõ de hum naturalista de cujo nome nos naõ recordamos neste momento viver sem esta segunda nutrição. Portanto serà bom que traga-se mesmo desta que pode talvez tambem servir nos. Está entendido que as pessoas que forem em procura da baunilha devem de mais ter conhecimento dos differentes caracteres da mesma planta, de que aliás ja demos huma pequena descripção.

Nem toda a haste de baunilha cortada pode servir para semente. De feito as hastes muito finas não tem bastante vigor para reproduzir huma nova planta; alem de que, como ellas tem de percorrer huma distancia talvez consideravel, urge que sejaõ vigorosas e bem formadas. Naõ pensamos que as muito grossas tenhaõ tambem o inconveniente de não reproduzirem, por muito lenhosas ou duras; entretanto será prudente que se escolhaõ as de mediana grossura, ou as que, naõ sendo muito novas e finas, naõ forem tambem muito antigas e seccas. Em todo o caso ellas perderaõ antes pelo primeiro do que pelo segundo inconveniente.

Serà bom naõ cortar a raiz, mas desenterra-la por que, sendo ella cortada, o ar que pela ferida ou corte a planta naturalmente aspira ou absorve, concorre para deteriora-la e de todo inutilisa-la.

Huma vez tirada da terra, deve-se não arrancar-lhe as folhas nem os fios retorcidos (*gaviões ou élos*), e nem os filamentos de que fallamos (*raizes adventicias*), mas corta-los a pequena distancia da haste ou cipó. A cada hum destes conselhos acompanha huma razão, que fora longo pôr aqui, e que as pessoas que possuem algumas ideas de agricultura conhecem melhor do que nós.

Alguem que pretende cultivar a baunilha neste anno mesmo, a pesar da estação ir ja hum pouco adiantada, mostrou-se nos pouco favoravel á idea de cortar as folhas da baunilha, fundado sobre a sua observação e experiencia da cultura no Brasil, e nos aconsellhou mandar vir a planta com suas folhas inteiras. A despeito do muito praser que teriamos em aceitar esse conselho, dictado pela experiencia e bondade de quem no-lo communicou não pedemos deixar de divergir desse parecer, e pensamos que se cortarmos com *instrumentos amolados* as folhas e os filamentos, as cicatrizes que resultarem serão menos nocivas do que se as folhas persistirem as quaes, pela sua exhalação forçada, farão perder á planta grande parte dos seus fluidos, e concorrerão para secalla e perde-la.

E' ao menos assim, isto è, sem as folhas, que praticão em França, quando querem guardar, ou enviar a maior parte de suas plantas; e é assim que, cremos, procedem os nossos lavradores com as nossas manivas ou hastes da mandioca. Entretanto, se os nossos lavradores estiverem certos do contrario, bom

é que não sigão aquillo que aliás nos parece razoavel, e mandem que a planta seja conservada inteira.

Importa escolher a epoca para a colheita da semente de que fallamos ; não procurando a em que a planta floresce , nem a em que fructifica , e nem quando alguns dias chuvosos houverem precedido

Não desejamos aventurar mais sobre este objecto , porque ainda o não conhecemos bem , e limitar-nos-hemos por agora a recomendar que limpem com cuidado as raizes , e que cortem as hastes a huma certa altura , que deve ser proporcionada á grandeza da planta ; isto è , perto do lugar em que a haste se fór tornando verde e pouco consistente , guardando somente , para inferior ou mais grossa.

Quanto á terceira recommendação , isto é , quanto á conservação e transporte da semente , bom será que se escolhão os mais longos cipòs , que os não cortem em pedaços , e que os enrolem em forma circular , pondo cuidado em os não esmagar , não forçando a elasticidade da haste. Pensamos mais que os cipòs devem huma vez cortadas as folhas e todos os appendices , e cortada a parte superior ou verde dos mesmos , ser immediatamente envolvidos , antes de serem encaixotados. O professor Richard , a quem promettemos e pretendemos mandar huma porção do cipòs , recommendou-nos envolve-los em estopa ; mas como não a temos ordinariamente se não cheia de alcatrão , e alem disso nos matos não seja ella commum , julgamos que a podemos substituir por plantas nossas. Com effeito , nós temos os nossos musgos que crescem sobre as arvores , e mesmo outra planta parasita vulgarmente conhecida pelo nome de *barba de velho* : estas plantas não humidas podem , envolvendo os cipòs da baunilha , abriga-los do calor e humidade do ar e desta forma evitar que apodreçam ou sequem. Assim pois devem se enrolar os taes cipòs em huma camada de musgo inclusivamente com as raizes , e colloca-los em huma caixeta de páo. Na falta dessa caixeta huma maior camada de musgos , e hum involucro ou cobertura arranjada com folhas seccas e largas de qualquer especie de gravatá pode bem preencher o mesmo fim. E' desnecessario dizer que se não devem expor os cipòs ao sol antes de envolve-los ; mas somente limpa-los , e que devem-nos defender quanto possivel contra o calor e humidade

Resumindo em poucas palavras o que havemos dito até aqui , aconselhamos :

1. Que se escolhão as baunilhas que não derem muitas raizes sobre as arvores mas as que nascerem do chão.
2. As que forem bem vigorosas , e não as finas nem as verdes.
3. As que não estiverem com flores ou fructos.
4. Quando alguns dias antes não houver chovido.
5. Que se não corte o pé , mas desenterrêm-no com as suas raizes , que devem ser aparadas nos lugares em que se despedaçarem.

6 Que se limpem as raizes e os oipòs, e que se cortem as folhas não rentes: como tambem os *gaviões* ou fios retorcidos e as *raizes adventicias* ou fios compridos, deixando de cada hum huma pequena extremidade pegada ao cipó

7 Que se não arranquem as folhas, mas que se cortem com instrumentos afiados

8 Que se enrolem em musgo, estopa, ou no nosso ticum desfiado, e não humido, que enoixotem ou envolvaõ-nos em folhas seccas de gravatá.

9 Que se corte toda a parte superior ou fina e verde, e que se guarde somente a que estiver ja formada, ou de huma côr mais escura.

10 Emfim, que se os guarde o menor tempo possivel, e que se os defenda do sol e chuva

Taes são as precauções que nos parece devem ser empregadas para obter as sementes da baunilha. Cremos que hajão outros conselhos que sejaõ bem proveitosos; mas não sabemos senão estes, que aliás podem ser muito uteis sobretudo para os nossos pretos, que como sabemos, são infelizmente os encarregados de semelhante tarefa

Ficamos que embaraços surgirão no começo dessa empresa; mas confiamos em que alguma perseverança nos garantirá vantagens de muito para o futuro: e por isso, e porque algumas pessoas recommendaveis nos tem feito a honra de pedir esclarecimentos sobre tal ponto, nos resolvemos a da-los para que cheguem a outras pessoas que por ventura pretendão plantar

Releva dizer que começamos a ter mais alguma confiança no nosso trabalho, e ja nutrimos a agradável esperanza de ver d'elle sortir hum resultado util. Conte hum dia o Brasil a baunilha na pauta dos seus productos de exportação, e nossos desejos seraõ satisfeitos

Aproveitamos esta occasião para rectificar hum engano tão grosseiro quanto innocente, que escapou-nos em nosso primeiro trabalho. Em vez de 8 a 10 pollegadas que tem a baunilha de Sergipe, e de 6 a 9 que tem a de Minas, dissemos ser a primeira de 12 a 14, e a segunda de 10 a 13, o que não é exacto. Esquecides de que hum palmo tem 8 e não 12 pollegadas, augmentamos por isso de 4 pollegadas a exten-aõ de cada huma das nossas baunilhas; mas como igual augmento dahi resultou para a baunilha do Mexico, que é de 6 a 8 e não de 10 a 12 pollegadas, como haviamos dito, è indisputavel o direito que temos a alguma desculpa, e em todo o caso fica fóra de duvida que não foi por má fè que commettemos esse engano.

Dr. Antonio Jose Alves.